

A mulher na mira

A violência praticada principalmente por pais e maridos levou o governo a apresentar um projeto de lei que autoriza a detenção imediata do agressor e seu afastamento do lar



Na Costa Rica, uma de cada três mulheres já sofreu algum tipo de agressão

Jose Luis Fuentes

Dois assassinatos de mulheres cometidos na Costa Rica pelos seus companheiros demonstram a crescente violência doméstica. Rocío Molina, de 28 anos, morreu esfaqueada pelo seu marido durante uma briga. Alicia Gutiérrez recebeu duas balas disparadas pelo pai de seus dois filhos, enquanto carregava nos braços um bebê de nove meses.

Dados de organismos que trabalham na proteção das mulheres indicam que 58% das que sofreram violência em seus lares, garantiram já ter corrido perigo de vida em diversas ocasiões, enquanto que 48% das agredidas fugiram de suas casas por temor de serem assassinadas por seus companheiros. A agressão doméstica tem em geral três alvos — crianças, velhos e mulheres —, mas são estas últimas que levam a pior, porque não só são agredidas pela sua condição, mas também quando saem em defesa de seus filhos ou para evitar abusos sexuais praticados contra menores.

O Centro Feminino de Informação e Ação (Cefemina), um organismo não-governamental, associa 56% dos casos de agressão com problemas de alcoolismo e dependência de drogas e 40% com casos de infidelidade. Em um relatório intitulado "Mulheres rumo ao ano 2000", o Cefemina indica que 75% dos casos de violência familiar são praticados pelo marido.

Outros casos, como o de Doris Pérez — que contratou um pistoleiro para matar seu esposo que a maltratava — chegam todos os dias aos tribunais de justiça. No seu caso, o argumento de maus-

tratos não ajudou no julgamento. Por outro lado, pesou muito a acusação de parentes do marido morto de que ela agiu daquela forma porque tinha um amante. No final, Doris terminou sendo condenada a vários anos de prisão.

Mudança de atitude — A violência doméstica cresceu nesse país centro-americano de pouco mais de três milhões de habitantes; só um departamento do Ministério da Justiça atendeu em um ano a 5.500 pedidos de ajuda de mulheres agredidas. Outras 2.000 consultas foram atendidas na Defensoria da Mulher.

O problema permaneceu oculto durante muito tempo. Hoje, os especialistas consideram que existe "um despertar" da mulher, que recorre a algum tipo de ajuda, ao contrário do que acontecia há poucos anos atrás, quando tudo ficava "entre quatro paredes".

Para a psiquiatra Gioconda Batres, estes fatos permanecem ocultos graças ao poder e privilégios dos agressores, que acreditam ter direito de agredir a mulher, porque foi isso que aprenderam a fazer durante gerações.

A psicóloga Mayra Chaverri, do Ministério da Justiça, estimou que toda mulher tem 50% de probabilidades de ser agredida no relacionamento de casal. Algumas mulheres relataram ter apanhado durante anos sem nunca denunciá-lo, por medo de que ninguém desse importância ou, simplesmente, porque não tinham a quem recorrer. "Meus problemas começaram já nos primeiros meses de casada. Ele não só me batia e me obrigava a realizar o ato sexual, mas me fazia terríveis ameaças, porque é muito

violento". Como ela, uma em cada três mulheres costa-riquenhas sofreu algum tipo de agressão física, psicológica ou sexual, segundo os especialistas.

"Quase enlouqueci com tanta agressão. Quando ele chegava da rua ou do trabalho, eu tinha que satisfazer todos os seus desejos para que não me batesse. Mas era inútil, porque ele sempre me esmurrava, me dava socos, me batia com o cinto, me xingava", comentou Berta Fallas.

Faltam dados — Segundo Chaverri, a humilhação, a rejeição, a intimidação e a tendência a se considerar culpada pela situação, impedem com frequência a mulher agredida de denunciar sua situação, e inclusive de comentá-la com as amigas.

Não existe, porém, um estudo que revele a real dimensão do problema em todo o país, contando-se apenas com dados fornecidos por organizações não-governamentais e órgãos dispersos.

O Escritório da Mulher, do Ministério do Governo, confirmou que recebe 14 denúncias diárias por violações, enquanto uma de cada duas mulheres que recorrem a seus serviços, foi agredida previamente por seus esposos e companheiros.

Para Batres, já há muitas mulheres agredidas ou mortas para que se continue "tapando o sol com a peneira". Devido ao agravamento do problema, o governo apresentou à Assembléia Legislativa (Parlamento nacional) um projeto de lei que autoriza a detenção imediata do agressor e seu afastamento do lar, embora a iniciativa ainda tenha que ser regulamentada. ■